

TRABALHO E BEM-ESTAR: UMA COMPARAÇÃO ENTRE CASAIS HETEROSSEXUAIS E HOMOAFETIVOS BRASILEIROS

Wellington Romero da Silva ¹

Daniel Domingues dos Santos ²

Resumo

Este trabalho tem por objetivo comparar o nível de bem-estar de casais brasileiros de diferentes orientações sexuais (heterossexual e homossexual), sem filhos e/ou parentes, utilizando como parâmetro de análise a renda familiar agregada. Seguindo a construção teórica do modelo de Oaxaca (1973), foram construídos modelos para estimar o diferencial do nível de bem-estar entre os casais e investigar a origem desta disparidade. Com base nos dados do Censo 2010, constatou-se que os casais homoafetivos de ambos os gêneros apresentam níveis superiores de bem-estar em comparação aos casais heterossexuais, sendo esses níveis mais elevados devido à maior acumulação de capital humano e de discriminação positiva, a favor dos homossexuais, no mercado de trabalho. No caso dos casais masculinos, podemos adicionar à lista, também, o efeito positivo advindo da discriminação sofrida pelas mulheres no mercado de trabalho. Em busca de comprovação empírica para os resultados, foram modelados dois testes alternativos de robustez, um limitando a análise aos casais residentes nas áreas metropolitanas e outro restringindo a idade dos cônjuges à *prime working-age*.

Palavras-Chave: casais homoafetivos, bem-estar, discriminação, orientação sexual.

JEL: J48, J16, I38.

Abstract

The goal of this paper is to compare the welfare levels of Brazilian couples with different sexual orientation, no kids and no relatives, by analyzing heterogeneity in household's incomes. Using the Blinder-Oaxaca decomposition technique (1973), we built models to estimate the welfare differentials couples, and to look into the source of disparities. Using data from Brazilian Census 2010, we find evidence that male and female homosexual couples have better welfare levels than their heterosexual counterparts. Both for male and female homosexual couples, the gains come from higher levels of human capital accumulation and positive discrimination in favor of homosexuals in the labor market. In the case of male couples, one should add to the list the positive effect coming from labor market discrimination against women. Seeking for empirical evidences for results, we used two robustness alternative analyses. First test restricting analysis to metropolitan couples and second test using only couples in the prime working-age.

Keywords: same-sex couples, welfare, sexual discrimination, sexual orientation.

JEL Codes: J48, J16, I38.

Área ANPEC: Área 13 – Economia do Trabalho

¹ Economista formado pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto (FEARP/USP). E-mail: wrsilva@fearp.usp.br.

² Professor Doutor do Departamento de Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto (FEARP/USP). E-mail: daniel.ddsantos@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A estrutura familiar brasileira tem passado por lentos e graduais processos de transição demográfica, atribuídos, principalmente, às modificações sociais, culturais e econômicas da população. Essas transformações têm influenciado na diversificação dos arranjos familiares e auxiliado na consolidação destas novas estruturas (VILLA, 2012).

Os arranjos familiares, inicialmente extensos e jovens, passaram a ceder lugar a estruturas menores e mais envelhecidas. Ao mesmo tempo, observa-se uma diminuição nos índices de casamento, enquanto as uniões consensuais, divórcios e recasamentos crescem a cada dia. As transformações no perfil da sociedade são aparentes e ficaram mais evidenciados nas últimas décadas, em que alguns arranjos familiares se tornaram mais comuns e expressivos (OJIMA; CARVALHO, 2009).

Dentre estes novos arranjos, as famílias sem filhos e de relação homoafetivas, apesar de ainda serem pequenas em termos quantitativos, vem ganhando grande força como arranjos específicos de unidades familiares. Esses novos tipos de casais vêm sendo extremamente estudados, pois, em sua grande maioria, são formados por jovens com níveis de educação, renda e consumo mais elevados (OJIMA; CARVALHO, 2009).

Essas modificações do retrato demográfico da família brasileira se inter-relacionam com a evolução da situação política e econômica vivenciada no país, impactando diretamente no nível de bem-estar social destes núcleos familiares e de seus membros. No Brasil, assim como em outros países, o nível de bem-estar sempre esteve fortemente apoiado na família, fazendo com que o grau de bem-estar de cada membro da unidade familiar fosse determinado pelos recursos da família à que pertence (GOLDANI, 2002).

Imaginando que as famílias distribuam seus recursos de forma equitativa, o bem-estar de um membro qualquer dependerá apenas da renda *per capita* familiar. Consequentemente, a importância de seus próprios rendimentos sobre o grau de bem-estar social restringe-se ao impacto deste rendimento sobre a renda total da família (BARROS; CORSEUIL; SANTOS; FIRPO, 2001). Assim, pode-se dizer que o nível agregado de bem-estar de uma família dependerá fortemente de sua composição, ou seja, será influenciado pela composição etária, sexo e, principalmente, inserção no mercado de trabalho de seus membros (BARROS; MENDONÇA, 1995).

Tendo em vista que a literatura relata existir tratamento desigual para homens e mulheres no mercado de trabalho, isto é, discriminação quanto à inserção aos postos de emprego, conclui-se que a capacidade de geração de renda e o bem-estar familiar destes indivíduos são influenciados pelas ações do mercado (BARROS; CORSEUIL; SANTOS; FIRPO, 2001).

Existem vários estudos econômicos sobre a inserção e discriminação racial e sexual no mercado de trabalho, enquanto a mensuração da discriminação baseada na orientação sexual tem sido amplamente negligenciada (DRYDAKIS, 2009). Desta forma, este trabalho se propõe a analisar e comparar o nível agregado de bem-estar de casais brasileiros de diferentes orientações sexuais (heterossexual e homossexual), sem filhos e/ou parentes, utilizando os dados do Censo brasileiro do ano de 2010.

2 HOMOSSEXUALISMO NO MERCADO DE TRABALHO

Nos debates atuais, o racismo, o antissemitismo, o sexismo e a homofobia são as expressões mais utilizadas nas discussões sobre preconceito e discriminação no ambiente de trabalho. Dentre estes, a discriminação relacionada à homofobia é a menos estudada e discutida (RIOS, 2007). A justificativa é que, diferentemente do racismo e do sexismo, nos quais há presença de marcadores corporais, a homossexualidade reflete-se nos diferentes

gêneros, classes sociais e etnias, fazendo com que não seja possível a identificação definitiva de um homossexual apenas por recursos visuais (GARCIA; SOUZA, 2010).

Os estudos internacionais de quantificação da discriminação exercida contra homossexuais se iniciaram com Badgett (1995), que foi a primeira pesquisadora a aplicar métodos econométricos, desenvolvidos em estudos de discriminação racial e sexual, para mensurar os impactos da orientação sexual nos rendimentos dos indivíduos. Utilizando como base de dados a *General Social Survey* (GSS/EUA) dos anos de 1989 a 1991, a autora encontrou que, controlada a educação, ocupação, status matrimonial, raça, sexo e experiência, os homens homossexuais ganhavam, em média, de 11% a 27% a menos que os homens heterossexuais. No caso das mulheres, o estudo demonstrou que as diferenças salariais entre as duas orientações sexuais não eram estatisticamente significantes.

Após esse estudo, os pesquisadores têm utilizado diferentes bases de dados para estimar os efeitos da discriminação em relação à orientação sexual no mercado de trabalho. Esta crescente literatura sugere que os homens homossexuais ganham significativamente menos e as mulheres homossexuais mais que suas contrapartes sexuais, dependendo a proporção desse efeito da forma com que os dados são analisados e estimados (KLAWITTER, 2011).

Black *et. all.* (2003) analisando os dados da GSS de 1989 a 1996, verificaram que, em termos de remuneração, havia penalidades aos homens homossexuais, enquanto que para as mulheres homossexuais foi observada a existência de um prêmio salarial em comparação às contrapartes sexuais. Segundo o estudo, os homens homossexuais recebiam, em média, de 14% a 16% a menos que os indivíduos do mesmo sexo com orientação sexual diferente. Já com relação às mulheres, os dados revelaram que os rendimentos das homossexuais eram, na média, de 20% a 34% maiores que os auferidos pelas mulheres heterossexuais.

Em artigo de 2008, Antecol, Jong e Steinberger, utilizando as estatísticas do *United States Census* do ano de 2000, demonstraram que as mulheres homossexuais auferem melhores salários que as mulheres heterossexuais casadas formalmente e consensualmente, ao passo que, para o caso dos homens, os homossexuais apresentam uma pequena “penalidade” salarial em relação aos homens casados formalmente (4,5%) e uma grande vantagem de rendimento em comparação aos homens casados consensualmente (28,2%).

Cushing-Daniels e Yeung (2009), analisando os dados da GSS dos anos de 1988 a 2006, investigaram os efeitos da orientação sexual sobre os rendimentos dos trabalhadores de tempo integral, com idade entre 18 e 64 anos. Os autores encontraram diferenças salariais entre os grupos de diferentes orientações sexuais, constatando um prêmio salarial igual a 26% para as mulheres homossexuais, em relação às heterossexuais, e uma penalidade de 7% para os homens homossexuais em comparação à respectiva contraparte sexual.

Em seu artigo, que examinou 26 artigos econômicos sobre discriminação contra homossexuais, Klawitter (2011) verificou que, na média, os homens inseridos em relacionamentos homoafetivos ganham 12% a menos que os homens de casais heterossexuais; e que as mulheres envolvidas com pessoas do mesmo sexo recebem salários 12% maiores que os de suas contrapartes sexuais. De acordo com a autora, os resultados das regressões demonstraram forte relação entre a forma como o estudo é delineado e os efeitos estimados da orientação sexual, principalmente no caso dos homens, ressaltando que a característica e a maneira com que a pesquisa é conduzida influenciam nos resultados encontrados.

Sabia e Wooden (2015) concluíram, utilizando os dados da *Household, Income and Labour Dynamic in Australia Survey (HILDA)* do período de 2000 a 2011, que os homens homossexuais, com idade entre 18 e 64 anos, são menos propensos a estarem empregados e enfrentam uma penalidade salarial de aproximadamente 20% em comparação à contraparte sexual. De acordo com o trabalho, parte dessa penalidade pode ser explicada pela diferença na taxa de crescimento dos rendimentos dos indivíduos, uma vez que os homens homossexuais

apresentaram, ao longo de uma década, taxas significativamente menores que as taxas observadas para os heterossexuais.

Além de vários estudos documentarem a relação entre a orientação sexual e os rendimentos, outras pesquisas têm avançado na análise de outras áreas relacionadas ao trabalho, como os impactos da divulgação da homossexualidade no ambiente de trabalho, a satisfação no trabalho e as oportunidades de acesso ao emprego dessa população.

Em seu artigo, Badgett (1995) expõe, também, que as pessoas que revelam sua homossexualidade voluntariamente no mercado de trabalho enfrentam um *trade-off*, no qual os riscos estão relacionados às menores chances de crescimento profissional e à probabilidade de receber salários menores, à medida que se almeja benefícios futuros no local de trabalho.

Desta forma, infere-se que a divulgação da orientação sexual pode impactar diretamente na satisfação do indivíduo com seu ambiente de trabalho. Fundamentado nisso, Drydakis (2014) concluiu, manipulando os dados da *Athens Area Study Wave* dos anos de 2008 a 2010, que os homossexuais que divulgam sua sexualidade no local de trabalho recebem menores salários que os homossexuais que não revelam sua orientação sexual. No entanto, de acordo com os resultados do estudo, os primeiros apresentam melhores níveis de satisfação com o emprego.

Visando investigar se há discriminação no acesso ao mercado de trabalho, Drydakis (2009) conduziu um trabalho para analisar as oportunidades de inserção dos homens homossexuais às vagas de emprego em ocupações de baixa remuneração e concluiu que as chances de um homem homossexual ser convidado para entrevista de emprego são 26,2% menores que as observadas para os heterossexuais.

Outro aspecto muito abordado nos trabalhos desta área é a diferença no acúmulo de capital humano dos indivíduos hétero e homossexuais. Parte da literatura internacional existente constata que os homens e mulheres que se relacionam com pessoas do mesmo sexo possuem maiores níveis de educação que suas congêneres sexuais (Black *et. all*, 2003; Antecol *et. all*, 2008; Cushing-Daniels e Yeung, 2009; Klawitter, 2011), enquanto outra parte observa que apenas as mulheres homossexuais possuem vantagens em termos educacionais que suas contrapartes sexuais (Badgett, 1995; Drydakis, 2014). Essa diferença no grau de instrução pode explicar, em parte, o *gap* salarial existente entre as mulheres de diferentes orientações sexuais, no entanto é inconsistente com a realidade evidenciada no caso dos homens (ANTECOL; JONG; STEINBERGER, 2008).

Recentemente, alguns estudos têm avançado na discussão sobre a vida dos homossexuais no mercado de trabalho brasileiro, apesar das análises sobre o tema ainda serem raras devido à falta de dados (IRIGARAY; FREITAS, 2011). Neste contexto, seguindo o mesmo modelo das pesquisas norte-americanas, Lena e Oliveira (2012), utilizando os dados do Censo brasileiro do ano de 2010, estimaram o diferencial de renda entre os casais heterossexuais e homoafetivos do país, revelando que a renda média *per capita* dos casais do mesmo sexo é maior que a dos casais de sexos opostos e acima da média nacional. Os dados revelaram que mais da metade dos casais de cônjuges de sexo diferente se encontram até o quinto decil de renda domiciliar (53,8%), ao passo que apenas 28,2% dos casais homoafetivos estão concentrados até este corte.

Com a mesma base de dados, Corrêa, Irfi e Suliano (2013), empregando o modelo teórico de Becker, avaliaram os diferenciais salariais entre casais heterossexuais e homossexuais dos estados brasileiros do Ceará, São Paulo e Rio de Janeiro. De acordo com os resultados encontrados, os diferenciais de remuneração com base na orientação sexual mostram que os cônjuges homossexuais do gênero masculino ganham, em média, entre 30% e 40% a mais que a contraparte sexual. Em relação às mulheres, apenas no Estado de São Paulo existem ganhos a favor das mulheres homossexuais em comparação às heterossexuais, sendo o efeito médio de 12%.

Em relação ao grau de instrução, os trabalhos nacionais corroboram com os resultados relatados na literatura internacional, demonstrando que os homossexuais masculinos e femininos possuem maiores níveis de educação que os congêneres sexuais (Lena e Oliveira, 2012; Corrêa *et. all*, 2013; Suliano *et. all*, 2014). Entretanto, a diferença no grau de instrução entre os grupos é muito maior para o caso brasileiro. Lena e Oliveira (2012) supõem que essa enorme desigualdade deve-se às características demográficas específicas dos homossexuais, argumentando que os maiores níveis educacionais estão correlacionados com a composição etária deste grupo, que é composto por uma maioria jovem (25 a 34 anos).

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA BASE DE DADOS

Neste trabalho serão utilizados os dados do Censo Demográfico do ano de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que permitiu, pela primeira vez, o registro de cônjuges do mesmo sexo que o do responsável pela unidade doméstica, objetivando identificar e enumerar as relações homoafetivas do país. Para isso, a condição do indivíduo no domicílio foi caracterizada por meio da relação existente entre ele e a pessoa responsável pela unidade domiciliar. Portanto, neste trabalho, a orientação sexual do indivíduo foi deduzida por meio da comparação do sexo da pessoa de referência e do cônjuge, sendo consideradas homossexuais aquelas no qual o sexo das duas pessoas era igual.

Deve-se salientar, também, que, dada a metodologia adotada pelo IBGE, a amostra captou apenas casais homossexuais que viviam no mesmo domicílio e que se identificaram com casal (LENA; OLIVEIRA, 2012). Os resultados do Censo brasileiro de 2010 revelaram que 20,2% das unidades domésticas do país são constituídas por casais sem filhos, tendo esse número aumentado 35,5% em relação ao ano de 2000. Os dados referentes aos casais do mesmo sexo demonstram que o Brasil possuía, aproximadamente, 60 mil casais homoafetivos, o que corresponderia a 0,1% das unidades familiares do país.

Após a seleção dos grupos de análise, constata-se que a amostra utilizada neste trabalho é composta por 943.355 homens heterossexuais e número equivalente de mulheres heterossexuais, 3.730 homens homossexuais e 3.442 mulheres homossexuais, todos inseridos em uniões formais ou consensuais.

4 CARACTERIZAÇÃO DOS CASAIS SEM FILHOS

Inicialmente, observam-se diferenças significantes na distribuição geográfica destes casais. Constata-se que mais de 70% dos casais homoafetivos, de ambos os sexos, encontra-se em regiões metropolitanas, enquanto a parcela de casais heterossexuais nestas regiões é de 46,55%. Os dados permitem inferir, também, que os três grupos estão concentrados em regiões urbano-metropolitanas, sendo o casal homoafetivo feminino o grupo que possui a maior proporção nesta categoria (98,1%). Desta forma, pode-se concluir que os casais sem filhos são arranjos familiares predominantemente urbano-metropolitanos.

Este resultado vai ao encontro do observado por Black *et. all*. (2003), que registou que os homossexuais masculinos e femininos estão mais propensos a viverem em grandes cidades. Corrêa, Irffi e Suliano (2013) argumentam que a concentração dos homossexuais nos grandes centros urbanos deve-se à maior aceitação social nestes ambientes, uma vez que são nestas cidades que afloram as atitudes liberais e que há maior respeito e tolerância às diferenças.

Dadas às informações supracitadas, esperava-se que os homossexuais apresentassem um nível maior de migração que suas contrapartes sexuais. No entanto, os dados revelam que os grupos possuem níveis equivalentes de migração, sendo os homens homossexuais o grupo com a menor parcela de residência no local de nascimento (44,29%).

Em relação à cor ou raça autodeclarada, é possível verificar que a etnia branca é maioria em todos os grupos analisados, sendo a categoria dos homens homossexuais a que possui a maior proporção de brancos (60,79%). Os dados apresentados na tabela 1 revelam, ainda, que a parcela de negros é, proporcionalmente, maior no grupo dos homossexuais e que a participação de indígenas e amarelos, independentemente do grupo, é bastante modesta.

Tabela 1 - Cor ou Raça Autodeclarada (%)

Grupo <i>Orientação Sexual</i>	Homem		Mulher	
	<i>Hétero</i>	<i>Homossexual</i>	<i>Hétero</i>	<i>Homossexual</i>
Branca	55,53	60,79	56,86	57,00
Preta	7,75	8,30	6,32	8,72
Amarela	1,18	0,99	1,31	1,24
Parda	35,37	29,69	35,35	32,80
Indígena	0,17	0,22	0,16	0,24

Fonte: Construída com base nas informações contidas no Censo Demográfico Brasileiro de 2010.

No que diz respeito à idade, infere-se, pelos dados encontrados, que os membros de casais homossexuais são mais jovens que os indivíduos que estão inseridos em relacionamentos com pessoas de sexo diferente. Para as mulheres homossexuais, a média de idade observada é de 34,12 anos, enquanto que para os homens da mesma orientação sexual a idade média é de 35,48 anos. A diferença de idade entre as contrapartes de diferentes orientações sexuais é de, aproximadamente, 14 e 11 anos, para homens e mulheres, respectivamente, sendo a favor, em ambos os casos, para os indivíduos homossexuais.

As estatísticas matrimoniais encontradas revelam grandes diferenças entre os casais heterossexuais e homoafetivos. A união de cunho consensual é, para o caso dos homossexuais, esmagadoramente maior, chegando a ser exclusiva no caso das mulheres com essa orientação sexual e representando 99,56% das uniões de homens homossexuais. No caso dos heterossexuais, a união formal é predominante, representando 65,85% das uniões formais.

Tabela 2 - Grau de Instrução (%)

Grupo <i>Orientação Sexual</i>	Homem		Mulher	
	<i>Hétero</i>	<i>Homossexual</i>	<i>Hétero</i>	<i>Homossexual</i>
Sem Instrução e Ens. Fund. Incompleto	49,85	13,17	45,75	16,13
Ens. Fund. Completo e Ens. Médio Incompleto	14,23	11,38	14,10	15,53
Ens. Médio Completo e Ens. Superior Incompleto	23,87	40,99	26,13	41,93
Ensino Superior Completo	11,85	34,13	13,77	25,73

Fonte: Construída com base nas informações contidas no Censo Demográfico Brasileiro de 2010.

Com relação ao grau de instrução, os dados do Censo demonstram, conforme se pode visualizar na tabela 2, que os homens e mulheres homossexuais possuem maior nível de instrução, sendo que a maior parcela destes grupos se concentra na categoria de “*Ensino Médio Completo e Ensino Superior Incompleto*”. Em relação aos heterossexuais, a grande concentração encontra-se entre os “*Sem Instrução e Ensino Fundamental Incompleto*”, representando, em ambos os sexos, uma parcela superior a 45%.

Referente à situação laboral, percebe-se, após analisar os dados apresentados na tabela 3, que os homossexuais possuem maiores índices de inserção no mercado de trabalho. A tabela revela, ainda, que os níveis de inatividade dos heterossexuais são muito mais elevados que os encontrados para o caso dos homossexuais.

Tabela 3 – Status Laboral (%)

Grupo	Homem		Mulher	
	Hétero	Homossexual	Hétero	Homossexual
Ocupado	69,61	85,75	49,48	80,93
Desempregado	1,95	4,09	3,77	6,95
Inativo	28,44	10,16	46,75	12,12

Fonte: Construída com base nas informações contidas no Censo Demográfico Brasileiro de 2010.

A tabela 4 apresenta os resultados encontrados para renda, jornada de trabalho e salário por hora desses casais. Pelos dados, é possível inferir que, ao contrário do retratado na literatura internacional e corroborando os resultados encontrados para o mercado de trabalho brasileiro, os indivíduos homossexuais recebem salários maiores que os observados para os heterossexuais. No caso dos homens, o rendimento médio auferido pelos indivíduos que se relacionam com outros do mesmo sexo ultrapassa o dobro dos valores encontrados para a contraparte heterossexual. Com relação às mulheres, o salário médio das homossexuais é 81,58% maior que o registrado pelas mulheres casadas com homens.

Tabela 4 – Rendimento, jornada e salário por hora do trabalho principal e rendimento total familiar (média)

Grupo	Homem		Mulher	
	Hétero	Homossexual	Hétero	Homossexual
Renda média ³	R\$ 1.378,03	R\$ 3.001,92	R\$ 995,13	R\$ 1.807,00
Horas trabalhadas por semana	42	41	37	40
Salário por hora	10,20	21,20	8,62	13,56

Fonte: Construída com base nas informações contidas no Censo Demográfico Brasileiro de 2010.

Em relação às horas dedicadas ao trabalho, os resultados revelam que os homens heterossexuais possuem as maiores jornadas de trabalho entre as quatro categorias. Os dados demonstram que a diferença de jornada semanal entre os homens de diferentes orientações sexuais é de apenas 1 hora, ao passo que a defasagem entre as mulheres é de 3 horas.

5 METODOLOGIA

O objetivo deste trabalho é comparar o nível de bem-estar entre casais heterossexuais e homoafetivos. Desta forma, para mensurar os diferenciais de bem-estar, será utilizada a renda total familiar destes arranjos domésticos. O procedimento metodológico adotado será dividido em duas partes: primeiro, serão estimadas equações salariais para o grupo dos homens e para o das mulheres; segundo, a renda total familiar de cada um dos tipos de casais será decomposta em duas parcelas: a renda oriunda do trabalho e a renda advinda de outras fontes. Esta primeira parte será decomposta para explicitar a parte explicada pelas diferenças de atributos pessoais e produtivos dos indivíduos que formam o casal e a parte não explicada, que indica, de acordo com o modelo proposto por Oaxaca (1973), a parcela referente à discriminação.

Supomos neste trabalho que o salário é o preço do trabalho. Desta forma, consideramos que a seguinte equação hedônica representa os salários dos indivíduos:

$$w_{\varphi} = \alpha_{\varphi} + X_{\varphi}\beta_{\varphi} + \delta_{\varphi}D_{\varphi} + \varepsilon_{\varphi} \quad (1)$$

³ Neste trabalho, todos os valores monetários se referem a valores de julho de 2010.

onde w é o rendimento médio do grupo; α é o intercepto da regressão; X é o vetor das variáveis de características observáveis dos indivíduos; β é o vetor de preços das características dos indivíduos; D é uma *dummy* de orientação sexual (equivale a 1 se o indivíduo for homossexual e 0 se for heterossexual); δ é o coeficiente da *dummy* de orientação sexual; ε é o termo de erro; e o subscrito φ representa o gênero dos indivíduos.

Como características observáveis dos indivíduos, denominadas variáveis independentes ou explicativas do modelo, foram utilizadas: educação, idade, idade², *dummies* para raça, situação de ocupação, situação do domicílio, metrópole, *dummies* para as regiões geográficas, além de variáveis de interação entre todas as variáveis supracitadas (por exemplo: *idade*branco*, *idade*urbano*, *branco*metrópole*, etc).

Desta forma, pode-se escrever as funções de rendimento do trabalho para cada um dos gêneros da seguinte forma:

$$w_h = \alpha_h + X_h\beta_h + \delta_h D_h + \varepsilon_h \quad (\text{homens}) \quad (2)$$

$$w_m = \alpha_m + X_m\beta_m + \delta_m D_m + \varepsilon_m \quad (\text{mulheres})$$

Estimando as equações de rendimento do trabalho de cada grupo pelo método dos Mínimos Quadrados Ordinários (MQO), podemos, pelas condições de primeira ordem ($\bar{\varepsilon}_h = \bar{\varepsilon}_m = 0$), escrever as equações de rendimento médio dos grupos como:

$$\bar{w}_h = \alpha_h + \bar{X}_h\hat{\beta}_h + \hat{\delta}_h\bar{D}_h \quad (\text{homens}) \quad (3)$$

$$\bar{w}_m = \alpha_m + \bar{X}_m\hat{\beta}_m + \hat{\delta}_m\bar{D}_m \quad (\text{mulheres})$$

onde \bar{X} é o vetor com os valores médios das variáveis de características observáveis do grupo; $\hat{\beta}$ é o vetor de coeficientes estimados; \bar{D} é o valor médio da *dummy* de orientação sexual; $\hat{\delta}$ é o coeficiente estimado para a *dummy* de orientação sexual; e os subscritos h e m representam o gênero dos indivíduos (homem e mulher, respectivamente).

De acordo com a literatura econômica, caso os empregadores valorizassem de forma equivalente o retorno do capital humano dos homens e mulheres, o vetor de coeficientes β deveria ser igual para os dois grupos ($\beta_h = \beta_m$). Analogamente, se os empregadores atribuíssem o mesmo valor ao capital humano não mensurável dos homens e mulheres que são analfabetos, o valor dos interceptos de cada regressão deveria ser o mesmo ($\alpha_h = \alpha_m$).

Assumiremos que a renda total familiar esperada será composta, para cada um dos tipos de arranjos familiares, da seguinte forma:

$$\hat{R}_{fam}^\gamma = \hat{R}_{trab}^\gamma + \hat{R}_{outros}^\gamma \quad (4)$$

onde \hat{R}_{fam}^γ representa a renda total familiar esperada; \hat{R}_{trab}^γ representa a soma esperada dos rendimentos auferidos pelos cônjuges no mercado de trabalho ($\sum \hat{w}$); \hat{R}_{outros}^γ é o rendimento esperado de outras fontes; e γ representa a orientação sexual do casal (heterossexual ou homoafetivo).

Similarmente às equações de rendimentos, se a função da renda total familiar esperada for estimada pelo método dos Mínimos Quadrados Ordinários (MQO), teremos que a renda total familiar média será:

$$\bar{R}_{fam}^\gamma = \bar{R}_{trab}^\gamma + \bar{R}_{outros}^\gamma \quad (5)$$

Considerando as equações de rendimento do trabalho explicitadas anteriormente e a composição familiar de cada um dos tipos de casais, podemos escrever as equações de renda total familiar média da seguinte forma:

$$\text{Casais Heterossexuais: } \bar{R}_{fam}^{ht} = \bar{R}_{trab}^{ht} + \bar{R}_{outros}^{ht} = [(\alpha_h + \bar{X}_h^{ht} \hat{\beta}_h) + (\alpha_m^{ht} + \bar{X}_m^{ht} \hat{\beta}_m)] + \bar{R}_{outros}^{ht}$$

$$\text{Casais Homoafetivos: } \bar{R}_{fam}^{hm_h} = \bar{R}_{trab}^{hm_h} + \bar{R}_{outros}^{hm_h} = [2(\alpha_h + \bar{X}_h^{hm} \hat{\beta}_h + \hat{\delta}_h)] + \bar{R}_{outros}^{hm_h} \quad (6)$$

Masculinos

$$\text{Casais Homoafetivos: } \bar{R}_{fam}^{hm_m} = \bar{R}_{trab}^{hm_m} + \bar{R}_{outros}^{hm_m} = [2(\alpha_h + \bar{X}_m^{hm} \hat{\beta}_m + \hat{\delta}_m)] + \bar{R}_{outros}^{hm_m}$$

Femininos

A partir desses modelos de regressões, e visando comparar o nível de bem-estar entre os casais, vamos considerar que o diferencial de renda familiar será igual à renda familiar média de um grupo menos a renda familiar média de outro grupo. Dessa forma, teremos as seguintes equações de diferencial:

$$\Delta \bar{R}_{fam} = \Delta \bar{R}_{fam}^{hm_h} - \Delta \bar{R}_{fam}^{ht} \quad (7)$$

$$\Delta \bar{R}_{fam} = \Delta \bar{R}_{fam}^{hm_m} - \Delta \bar{R}_{fam}^{ht}$$

Para os fins propostos neste trabalho, vamos decompor a renda familiar média em quatro partes, sendo elas: parte que determina o diferencial de remuneração média devido às diferenças de atributos pessoais e produtivos dos indivíduos que formam o casal (Δ_1); parte que representa a discriminação quanto ao gênero (Δ_2); parte que representa a discriminação quanto à orientação sexual (Δ_3); e parte que determina o diferencial de remuneração média oriunda de outras fontes (Δ_4).

Para uma exposição mais simplificada dos métodos que serão utilizados na decomposição da renda familiar média, vamos exemplificar os procedimentos utilizando a equação 1 (7). Assim, temos que o diferencial de renda familiar média entre os casais homoafetivos masculinos e heterossexuais pode ser escrito como:

$$\Delta \bar{R}_{fam} = \Delta \bar{R}_{fam}^{hm_h} - \Delta \bar{R}_{fam}^{ht}$$

$$\Delta \bar{R}_{fam} = [2(\alpha_h + \bar{X}_h^{hm} \hat{\beta}_h + \hat{\delta}_h) + \bar{R}_{outros}^{hm_h}] - [(\alpha_h + \bar{X}_h^{ht} \hat{\beta}_h) + (\alpha_m + \bar{X}_m^{ht} \hat{\beta}_m) + \bar{R}_{outros}^{ht}]$$

$$\Delta \bar{R}_{fam} = (\alpha_h - \alpha_m) + (\bar{X}_h^{hm} - \bar{X}_h^{ht}) \hat{\beta}_h + (\bar{X}_h^{hm} \hat{\beta}_h - \bar{X}_m^{ht} \hat{\beta}_m) + [2\hat{\delta}_h] + [\bar{R}_{outros}^{hm_h} - \bar{R}_{outros}^{ht}] \quad (8)$$

Para decompor o diferencial conforme proposto, serão construídos contrafactuais da renda do trabalho que representem a remuneração dos cônjuges caso fossem remunerados igualmente. Esses contrafactuais serão somados e subtraídos na equação (8), o que possibilitará o rearranjo dos termos do modelo para a decomposição da renda total familiar. Visando ter uma análise mais completa, serão calculadas bandas de magnitudes do efeito de cada diferencial sobre a diferença total, portanto haverá duas equações de diferenciais. Na primeira será somado e subtraído o termo $\bar{X}_h^{hm} \hat{\beta}_m$, que representa o produto da média de capital humano dos homens homossexuais e dos preços pagos às características das mulheres (coeficientes da regressão salarial); enquanto na segunda será somado e subtraído o termo $\bar{X}_m^{ht} \hat{\beta}_h$, que representa o produto da média de capital humano das mulheres heterossexuais e dos preços pagos aos atributos pessoais e produtivos dos homens (coeficientes da regressão salarial). Deste modo, teremos que:

$$\begin{aligned}
\Delta \bar{R}_{fam} &= (\alpha_h - \alpha_m) + (\bar{X}_h^{hm} - \bar{X}_h^{ht})\beta_h + (\bar{X}_h^{hm}\hat{\beta}_h - \bar{X}_m^{ht}\hat{\beta}_m) + \\
&\quad (2\hat{\delta}_h) + (\bar{R}_{outros}^{hm_h} - \bar{R}_{outros}^{ht}) + \bar{X}_h^{hm}\hat{\beta}_m - \bar{X}_h^{hm}\hat{\beta}_m \\
\Delta \bar{R}_{fam} &= (\alpha_h - \alpha_m) + (\bar{X}_h^{hm} - \bar{X}_h^{ht})\beta_h + (\bar{X}_h^{hm} - \bar{X}_m^{ht})\hat{\beta}_m + \\
&\quad (\hat{\beta}_h - \hat{\beta}_m)\bar{X}_h^{hm} + (2\hat{\delta}_h) + (\bar{R}_{outros}^{hm_h} - \bar{R}_{outros}^{ht})
\end{aligned} \tag{9}$$

na qual: $\Delta_{1.1} = (\bar{X}_h^{hm} - \bar{X}_h^{ht})\beta_h + (\bar{X}_h^{hm} - \bar{X}_m^{ht})\hat{\beta}_m$

$$\Delta_{2.1} = (\alpha_h - \alpha_m) + (\hat{\beta}_h - \hat{\beta}_m)\bar{X}_h^{hm}$$

$$\Delta_{3.1} = (2\hat{\delta}_h)$$

$$\Delta_{4.1} = (\bar{R}_{outros}^{hm_h} - \bar{R}_{outros}^{ht})$$

Aplicando-se os mesmos métodos, mas agora somando e subtraindo o termo referente à segunda equação de diferenciais, temos que:

$$\Delta_{1.2} = (\bar{X}_h^{hm} - \bar{X}_h^{ht})\beta_h + (\bar{X}_h^{hm} - \bar{X}_m^{ht})\hat{\beta}_h$$

$$\Delta_{2.2} = (\alpha_h - \alpha_m) + (\hat{\beta}_h - \hat{\beta}_m)\bar{X}_m^{ht}$$

$$\Delta_{3.2} = (2\hat{\delta}_h)$$

$$\Delta_{4.2} = (\bar{R}_{outros}^{hm_h} - \bar{R}_{outros}^{ht})$$

Todo esse procedimento de manipulações algébricas será replicado para calcular o diferencial de renda total familiar média entre os casais homoafetivos femininos e heterossexuais, somando e subtraindo, neste caso, os termos $\bar{X}_m^{hm}\hat{\beta}_h$ e $\bar{X}_h^{ht}\hat{\beta}_m$, para os modelos 1 e 2, respectivamente. Desta forma, será possível comparar o nível de bem-estar econômico entre os casais de diferentes orientações sexuais e verificar qual a magnitude de cada um dos diferenciais (Δ_1 a Δ_4) sobre essa dessemelhança.

6 RESULTADOS

6.1 DIFERENCIAL NO NÍVEL DE BEM-ESTAR ENTRE CASAIS HOMOAFETIVOS MASCULINOS E HETEROSSEXUAIS

Com base nos resultados, constatou-se que os homossexuais apresentam níveis maiores de bem-estar econômico que os casais heterossexuais com atributos pessoais e produtivos equivalentes. Pelos cálculos realizados, a diferença de renda familiar total entre os dois grupos é de, em média, R\$ 4.180,82, sendo esse valor favorável aos homoafetivos.

A tabela 5 apresenta os resultados completos desta decomposição e as bandas de magnitude de cada um dos diferenciais sobre a diferença de renda total familiar dos casais. Percebe-se, ao analisar os dados expostos, que todos os parâmetros apresentam valores positivos, ou seja, em todas as parcelas do diferencial os valores encontrados para os casais homoafetivos masculinos são superiores aos observados para os casais heterossexuais.

Conforme descrito, Δ_1 determina o diferencial de remuneração média devido às diferenças de atributos pessoais e produtivos dos indivíduos que formam o casal. Pelos dados encontrados, nota-se que, ao contrário do que se imaginava, a parcela deste diferencial correspondente à diferença de remuneração entre o homem homossexual e a mulher é menor que a parcela da diferença entre a remuneração dos homens de diferentes orientações sexuais. Os resultados evidenciaram que a diferença de remuneração entre os homens heterossexuais e homossexuais equivale de 53% a 63% deste parâmetro.

Tabela 5 – Diferença do nível médio de bem-estar e magnitude dos parâmetros entre Casais Homoafetivos Masculinos e Heterossexuais

Parâmetro	R\$ ($\bar{X}_h^{hm} \hat{\beta}_m$)	R\$ ($\bar{X}_m^{ht} \hat{\beta}_h$)	Magnitude ($\bar{X}_h^{hm} \hat{\beta}_m$)	Magnitude ($\bar{X}_m^{ht} \hat{\beta}_h$)
Diferença de Capital Humano (Δ_1)	1.744,08	1.462,05	41,72%	34,97%
Discriminação de gênero (Δ_2)	798,69	1.080,72	19,10%	25,85%
Discriminação de orientação sexual (Δ_3)	673,15	673,15	16,10%	16,10%
Diferença de Rendas de outras fontes (Δ_4)	964,90	964,90	23,08%	23,08%
Total	4.180,82	4.180,82	100,0%	100,0%

Fonte: Construída com base nas informações contidas no Censo Demográfico Brasileiro de 2010.

Referente ao Δ_2 , infere-se que há indícios de discriminação de gênero contra as mulheres, pois os coeficientes relacionados às características de capital humano do grupo dos homens são mais valorizados que os coeficientes observados para o grupo das mulheres. Em relação ao Δ_3 , definido como discriminação quanto à orientação sexual, não é possível concluir que existe discriminação contra homossexuais, uma vez que o coeficiente δ apresenta valor positivo para o grupo. De acordo com os resultados, o fato de ser homossexual acresce à renda do homem, em média, aproximadamente R\$ 336,57.

Com base no Δ_4 , é possível concluir que os casais homoafetivos masculinos possuem maiores rendas advindas de outras fontes que os casais heterossexuais. Os resultados demonstram que, em média, os casais heterossexuais possuem rendas oriundas de outras fontes no valor de R\$ 469,44, ao passo que os homoafetivos masculinos auferem R\$ 1.434,34 neste quesito. Dada à limitação da base de dados, não foi possível investigar a origem dessas rendas de outras fontes, ou seja, se são oriundas de programas assistenciais, pensões, aluguéis, aplicações financeiras e etc.

Percebe-se que o principal responsável pela diferença de bem-estar entre os dois grupos analisados é o diferencial de remuneração devido às diferenças de atributos pessoais e produtivos dos indivíduos (Δ_1), ou seja, o melhor nível de bem-estar dos casais homossexuais masculinos é determinado, aproximadamente, de 34% a 41%, devido aos maiores níveis de capital humano observados para os indivíduos deste grupo.

6.2 DIFERENCIAL NO NÍVEL DE BEM-ESTAR ENTRE CASAIS HOMOAFETIVOS FEMININOS E HETEROSSEXUAIS

A decomposição do diferencial de renda total familiar entre os casais homoafetivos femininos e heterossexuais revelou que as mulheres homossexuais apresentam, apesar de razoavelmente pequenos, melhores níveis de bem-estar econômico. Os resultados da análise econométrica demonstraram que a diferença de renda familiar entre os dois arranjos familiares é de R\$ 503,83, valor este oito vezes menor que o apresentado na comparação entre casais homoafetivos masculinos e heterossexuais.

Na tabela 6 são sintetizados os dados da decomposição realizada para inferir o nível de bem-estar econômico dos casais. Nota-se, neste caso, que existem parâmetros positivos e negativos, evidenciando que em alguns diferenciais os casais heterossexuais apresentam valores superiores aos auferidos pelos homoafetivos femininos e em outros ocorre o inverso.

Iniciando a análise pelo Δ_1 , percebe-se que o sinal do parâmetro é positivo, portanto é possível concluir que as mulheres homossexuais investem mais em capital humano que os heterossexuais, sejam homens ou mulheres. Cumpre destacar que a diferença de acúmulo de capital humano entre as mulheres homossexuais e a contraparte heterossexual é menor que a diferença entre as primeiras e os homens heterossexuais. De acordo com os

dados, o diferencial entre as homoafetivas e os homens heterossexuais varia de R\$ 394,98 a R\$ 567,94, o que corresponderia, aproximadamente, de 56% a 65% deste parâmetro.

Tabela 6 – Diferença do nível médio de bem-estar e magnitude dos parâmetros entre Casais Homoafetivos Femininos e Heterossexuais

Parâmetro	R\$ ($\bar{X}_m^{hm} \hat{\beta}_h$)	R\$ ($\bar{X}_h^{ht} \hat{\beta}_m$)	Magnitude ($\bar{X}_m^{hm} \hat{\beta}_h$)	Magnitude ($\bar{X}_h^{ht} \hat{\beta}_m$)
Diferença de Capital Humano (Δ_1)	706,34	879,30	140,19%	174,52%
Discriminação de gênero (Δ_2)	- 769,94	- 942,90	-152,82%	-187,14%
Discriminação de orientação sexual (Δ_3)	614,94	614,94	122,05%	122,05%
Diferença de Rendas de outras fontes (Δ_4)	- 47,51	- 47,51	-9,43%	-9,43%
Total	503,83	503,83	100,00%	100,00%

Fonte: Construída com base nas informações contidas no Censo Demográfico Brasileiro de 2010.

Em relação ao diferencial Δ_2 , o sinal negativo reforça que há discriminação de gênero contra as mulheres, ou seja, que as mulheres com atributos pessoais e produtivos iguais aos de um homem são remuneradas com salários menores. A análise conjunta desses dois primeiros diferenciais permite-nos inferir que, caso não houvesse discriminação, as mulheres deveriam obter maiores rendimentos do trabalho em relação aos homens, uma vez que são dotadas de maior grau de capital humano.

O parâmetro Δ_3 revela que não há discriminação contra mulheres homossexuais no mercado de trabalho, demonstrando que estas recebem um “prêmio” salarial, no valor de R\$ 307,47, devido à orientação sexual. Por fim, analisando o Δ_4 , deduz-se que os heterossexuais apresentam maiores rendas oriundas de outras fontes em comparação aos casais homoafetivos femininos. A diferença entre as rendas auferidas pelos dois tipos de casais é de R\$ 47,51, uma vez que a média de rendimentos, neste quesito, dos casais heterossexuais é de R\$ 469,44 e dos casais homoafetivos femininos é de R\$ 421,93.

Analisando as bandas de magnitude dos parâmetros, verifica-se que as rendas oriundas de outras fontes tem participação pequena na determinação da diferença no nível de bem-estar, não chegando essa parcela a 10%. Além disso, nota-se que a discriminação de gênero apresenta a maior magnitude negativa em relação ao diferencial de renda familiar, enquanto os diferenciais de diferença de capital humano dos membros do casal e de orientação sexual apresentam magnitudes próximas e sinais positivos, fazendo com que o diferencial final seja favorável aos casais homoafetivos femininos.

7 TESTES DE ROBUSTEZ

Visando verificar o quão robustos podemos considerar os resultados encontrados, foram realizados dois testes alternativos de mensuração do diferencial de bem-estar econômico entre casais homoafetivos e heterossexuais. Os testes consistem na utilização da mesma metodologia, mas com o diferencial de que foram incluídas restrições nas características pessoais dos grupos de análise, com o objetivo de torná-los mais homogêneos e comparáveis. O primeiro teste avaliou a diferença do nível de bem-estar entre casais residentes em regiões metropolitanas, enquanto o segundo mecanismo alternativo utilizou como variável de limitação a idade dos indivíduos, apresentando os resultados obtidos quando a comparação é restringida aos casais em que os dois cônjuges pertencem à *prime working-age*⁴.

⁴ *Prime working-age* corresponde à faixa etária considerada mais capaz e susceptível ao trabalho. Neste estudo foi definida como entre 25 e 54 anos.

7.1 DIFERENCIAL DO NÍVEL DE BEM-ESTAR ENTRE CASAIS HOMOAFETIVOS E HETEROSSEXUAIS RESIDENTES EM REGIÕES METROPOLITANAS

Conforme descrito, os casais homoafetivos estão concentrados, predominantemente, nas regiões metropolitanas. Desta forma, tendo em vista que a literatura econômica relata que os rendimentos do trabalho são maiores nestes centros urbanos, é importante analisar se este fator está impactando na diferença de bem-estar anteriormente mensurada.

Analisando os dados obtidos na análise do diferencial do nível de bem-estar econômico entre casais homoafetivos masculinos e heterossexuais residentes em regiões metropolitanas (tabela 7), verifica-se que todos os parâmetros apresentam os mesmos sinais da análise anterior (positivos), o que indica que, mesmo restringido às regiões metropolitanas, os casais homoafetivos masculinos possuem renda familiar superior.

Tabela 7 – Diferença e magnitude do diferencial do nível médio de bem-estar entre Casais Homoafetivos Masculinos e Heterossexuais residentes em regiões metropolitanas

Parâmetro	R\$ ($\bar{X}_h^{hm} \hat{\beta}_m$)	R\$ ($\bar{X}_m^{ht} \hat{\beta}_h$)	Magnitude ($\bar{X}_h^{hm} \hat{\beta}_m$)	Magnitude ($\bar{X}_m^{ht} \hat{\beta}_h$)
Diferença de Capital Humano (Δ_1)	1.559,85	1.278,55	31,96%	26,20%
Discriminação de gênero (Δ_2)	1.186,83	1.468,13	24,32%	30,08%
Discriminação de orientação sexual (Δ_3)	764,45	764,45	15,66%	15,66%
Diferença de Rendas de outras fontes (Δ_4)	1.369,46	1.369,46	28,06%	28,06%
Total	4.880,59	4.880,59	100,00%	100,00%

Fonte: Construída com base nas informações contidas no Censo Demográfico Brasileiro de 2010.

Pelos dados expostos na tabela, observa-se que em houve aumento, em ambas as simulações, nos diferenciais Δ_2 , Δ_3 e Δ_4 , enquanto o Δ_1 cresceu apenas na segunda simulação. Esses crescimentos nos diferenciais ocasionaram a intensificação da diferença de bem-estar entre os casais, fazendo com que esse nível agregado aumentasse 16,74% (R\$ 699,77 em valores monetários).

Em relação à diferença de bem-estar entre os casais homoafetivos femininos e heterossexuais, pode-se inferir, com base nas informações expostas na tabela 8, que, ao focar a análise somente em casais que vivem em regiões metropolitanas, os casais heterossexuais apresentam um nível de bem-estar econômico maior que os casais formados por duas mulheres. Nota-se que os sinais dos diferenciais monetários permanecem os mesmos do modelo-base, no entanto os valores são mais acentuados, tornando-os favoráveis aos casais heterossexuais. Percebe-se que essa inversão no diferencial de bem-estar deve-se, principalmente, aos parâmetros Δ_1 e Δ_2 .

Tabela 8 – Diferença e magnitude do diferencial do nível médio de bem-estar entre Casais Homoafetivos Femininos e Heterossexuais residentes em regiões metropolitanas

Parâmetro	R\$ ($\bar{X}_m^{hm} \hat{\beta}_h$)	R\$ ($\bar{X}_h^{ht} \hat{\beta}_m$)	Magnitude ($\bar{X}_m^{hm} \hat{\beta}_h$)	Magnitude ($\bar{X}_h^{ht} \hat{\beta}_m$)
Diferença de Capital Humano (Δ_1)	44,07	155,06	- 6,03%	- 21,22%
Discriminação de gênero (Δ_2)	- 1.211,91	- 1.322,90	165,85%	181,04%
Discriminação de orientação sexual (Δ_3)	623,42	623,42	- 85,30%	- 85,30%
Diferença de Rendas de outras fontes (Δ_4)	- 186,31	- 186,31	25,50%	25,50%
Total	- 730,73	- 730,73	100,00%	100,00%

Fonte: Construída com base nas informações contidas no Censo Demográfico Brasileiro de 2010.

Os dados revelam que, em regiões metropolitanas, é menor a diferença no acúmulo de capital humano entre os cônjuges de casais homoafetivos femininos e heterossexuais, uma vez que os valores deste parâmetro caíram drasticamente. Além disso, é possível deduzir que nessas regiões a discriminação contra mulheres é intensificada, pois o diferencial Δ_2 subiu de 40% a 57%.

Referente às magnitudes da cada diferencial, verifica-se, com exceção do parâmetro de discriminação de gênero que permaneceu equivalente, que as proporções dos diferenciais sobre o nível total de bem-estar se alteraram significativamente, apresentando, agora, sinais opostos aos das magnitudes calculadas anteriormente.

7.2 DIFERENCIAL DO NÍVEL DE BEM-ESTAR ENTRE CASAIS HOMOAFETIVOS E HETEROSSEXUAIS PERTENCENTES À *PRIME WORKING-AGE*

A segunda hipótese levantada refere-se à idade dos cônjuges dos arranjos familiares. De acordo com os dados apresentados, os casais homoafetivos são mais jovens que os casais heterossexuais, portanto é factível supor que essa característica possa influenciar, também, nos rendimentos auferidos no trabalho deste grupo e, conseqüentemente, na renda total familiar, fazendo com que a análise do diferencial do nível de bem-estar seja errônea.

Visando verificar se é possível considerar os resultados do modelo-principal robustos, o diferencial do nível de bem-estar familiar entre os casais de diferentes orientações sexuais foi estimado apenas para os casais nos quais os dois cônjuges pertenciam à *prime working-age*, ou seja, que os dois membros do casal tinham de 25 a 54 anos de idade.

A tabela 9 revela os dados obtidos na modelagem do diferencial do nível de bem-estar econômico entre casais homoafetivos masculinos e heterossexuais que pertencem à *prime working-age*. Da mesma forma que no modelo principal e no primeiro teste alternativo, os valores encontrados para todos os parâmetros deste modelo são positivos, ou seja, o nível de bem-estar é maior para os casais homoafetivos masculinos. A renda total familiar mensurada é superior à constatada na estimativa central, sendo a diferença, em valores monetários, de R\$ 348,28.

Tabela 9 – Diferença e magnitude do diferencial do nível médio de bem-estar entre Casais Homoafetivos Masculinos e Heterossexuais pertencentes à *prime working-age*

Parâmetro	R\$ ($\bar{X}_h^{hm} \hat{\beta}_m$)	R\$ ($\bar{X}_m^{ht} \hat{\beta}_h$)	Magnitude ($\bar{X}_h^{hm} \hat{\beta}_m$)	Magnitude ($\bar{X}_m^{ht} \hat{\beta}_h$)
Diferença de Capital Humano (Δ_1)	1.604,97	1.921,98	35,44%	42,44%
Discriminação de gênero (Δ_2)	818,25	501,24	18,07%	11,07%
Discriminação de orientação sexual (Δ_3)	684,58	684,58	15,12%	15,12%
Diferença de Rendas de outras fontes (Δ_4)	1.421,30	1.421,30	31,38%	31,38%
Total	4.529,10	4.529,10	100,00%	100,00%

Fonte: Construída com base nas informações contidas no Censo Demográfico Brasileiro de 2010.

Confrontando os resultados encontrados neste teste com a estimação principal, observa-se que houve aumento nos diferenciais Δ_1 , Δ_3 e Δ_4 , enquanto no diferencial de discriminação de gênero foi constatada uma queda. Com base nos dados, pode-se dizer que a ampliação da diferença no nível de bem-estar econômico foi impulsionada, principalmente, pelo aumento na diferença de renda de outras fontes, que a apresentou o maior crescimento entre os parâmetros (47,3%). Outra constatação interessante é que a magnitude do parâmetro de discriminação de gênero decaiu e a magnitude do parâmetro de diferença de capital humano cresceu, sendo este acontecimento inverso ao verificado no primeiro teste alternativo.

Em relação à diferença de renda total familiar entre casais homoafetivos femininos e heterossexuais, foi observado, conforme explícito na tabela 10, que o diferencial

do nível de bem-estar entre os dois tipos de casais, comparando apenas casais pertencentes à *prime working-age*, permaneceu favorável aos casais homoafetivos femininos. Verifica-se que houve alteração no sinal do parâmetro Δ_4 , revelando que, nesta estimação, os casais compostos por mulheres homossexuais, se comparados aos casais com cônjuges de sexo distintos, auferem maiores rendimentos oriundos de outras fontes.

Tabela 10 – Diferença e magnitude do diferencial do nível médio de bem-estar entre Casais Homoafetivos Femininos e Heterossexuais pertencentes à *prime working-age*

Parâmetro	R\$ ($\bar{X}_m^{hm} \hat{\beta}_h$)	R\$ ($\bar{X}_h^{ht} \hat{\beta}_m$)	Magnitude ($\bar{X}_m^{hm} \hat{\beta}_h$)	Magnitude ($\bar{X}_h^{ht} \hat{\beta}_m$)
Diferença de Capital Humano (Δ_1)	1.090,35	781,83	94,03%	67,43%
Discriminação de gênero (Δ_2)	-720,48	-411,96	-62,14%	-35,53%
Discriminação de orientação sexual (Δ_3)	739,62	739,62	63,79%	63,79%
Diferença de Rendas de outras fontes (Δ_4)	50,03	50,03	4,31%	4,31%
Total	1.159,53	1.159,53	100,00%	100,00%

Fonte: Construída com base nas informações contidas no Censo Demográfico Brasileiro de 2010.

Com relação às magnitudes dos quatro parâmetros, é possível inferir que o diferencial de outras rendas continuou sendo o parâmetro com o menor impacto sobre a diferença de renda total familiar. Além disso, pode-se dizer que os parâmetros Δ_1 e Δ_3 permaneceram, proporcionalmente, com a mesma participação no diferencial agregado, enquanto a discriminação de gênero apresentou uma queda acentuada.

8 PADRÕES DE ASSOCIAÇÃO MATRIMONIAL E ÍNDICES DE DESIGUALDADE ENTRE CASAIS SEM FILHOS

Pretendendo verificar se há diferença na forma de escolha dos cônjuges entre os casais e se essa diferença poderia impactar nos resultados das simulações, foram analisados, brevemente, os padrões de seleção marital e os índices de desigualdade dos casais heterossexuais e homoafetivos sem filhos.

Em relação aos padrões de associação matrimonial, os dados analisados revelam que, em relação à cor ou raça (apêndice A.1), os padrões de seleção marital entre os três grupos são similares. Percebe-se que há maior endogamia entre os pardos heterossexuais, pois, enquanto para as demais raças os valores entre os tipos de casais são parecidos, as taxas apresentadas para os pardos é superior para os héteros em comparação aos homoafetivos. No entanto, conforme Lena e Oliveira (2012) ressaltaram, isso pode estar atrelado à composição racial da população brasileira.

Além disso, os valores de exogamia evidenciados entre os casais homoafetivos revelam que as barreiras de associação entre esses casais parecem ser menos intensas que àquelas enfrentadas pelos casais heterossexuais. Comprova-se isso pela maior taxa de relacionamento entre brancos e pretos do que entre os pretos para os casais homoafetivos masculinos e femininos.

Com base nos resultados demonstrados no apêndice A.2, infere-se que, em relação à idade, os homossexuais possuem uma taxa de exogamia maior que os heterossexuais. Os dados revelam que os indivíduos que se relacionam com pessoas do mesmo sexo preferem se casar com pessoas de idade diferente, à medida que os heterossexuais procuram se relacionar com indivíduos de idade semelhante. De acordo com Lena e Oliveira (2012), a literatura que trabalha com seleção matrimonial entre casais homoafetivos revela que os homens com esta orientação sexual têm preferência por parceiros mais novos, enquanto as mulheres não demonstram essa inclinação.

No apêndice A.3 estão explícitos os dados referentes aos padrões de seleção marital no que corresponde ao grau de instrução dos indivíduos. Os resultados demonstram que nos níveis mais baixos de instrução, os homossexuais apresentam maior flexibilidade de associação que os heterossexuais. Já em relação aos níveis mais altos de educação, percebe-se que o grupo dos homossexuais possui maiores barreiras de relacionamento com pessoas que não possuem esse grau de instrução.

Tabela 11 – Parcela dos casais em que os cônjuges foram classificados no mesmo grupo (%)

Grupo	Casal	Casal	Casal
	Heterossexual	Homoafetivo Masculino	Homoafetivo Feminino
Raça	71,36	64,87	62,43
Idade	54,52	42,54	38,17
Grau de Instrução	66,08	59,45	56,18

Fonte: Construída com base nas informações contidas no Censo Demográfico Brasileiro de 2010.

É importante ressaltar que os casais heterossexuais possuem a maior taxa de endogamia nas três óticas analisadas, o que pode estar auxiliando a magnificar os efeitos da diferença de bem-estar econômico entre os grupos.

Em relação às diferenças intragrupos, a tabela 12 apresenta os índices de desigualdades de renda familiar agregada para cada um dos arranjos familiares. Observa-se que o grupo que apresenta as maiores diferenças internas é o dos casais homoafetivos masculinos. A análise dos índices de desigualdade permite concluir que os grupos de casais heterossexuais e homoafetivos femininos são mais homogêneos, em relação à distribuição de renda, que os casais homoafetivos masculinos, que apresentam o maior nível de bem-estar econômico.

Tabela 12 – Índices de Desigualdade baseados na renda familiar agregada

Grupo	Casal	Casal	Casal
	Heterossexual	Homoafetivo Masculino	Homoafetivo Feminino
Índice de Gini	0.590	0.655	0.589
Índice de Theil-T	0.517	0.724	0.490
Coeficiente de Variação	2.860	4.465	1.793

Fonte: Construída com base nas informações contidas no Censo Demográfico Brasileiro de 2010.

Em geral, análises de bem-estar não se restringem ao nível médio de renda familiar, como vem sendo o foco deste trabalho até o momento. Se a utilidade marginal da renda for decrescente, reduções de desigualdade podem levar a melhoras de bem-estar para além do cômputo da renda média da família. O fato de que entre os homossexuais a desigualdade parece ser maior nos leva a relativizar a conclusão de que, necessariamente, estes casais desfrutem de melhores condições de vida, e a concluir que um aprofundamento desta investigação deveria ser feito, mas que está além do escopo deste artigo.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações sociais, culturais e econômicas têm intensificado a diversificação e consolidação de novos formatos familiares. As transformações no perfil da sociedade contemporânea são aparentes e ficaram mais evidenciados nas últimas décadas, em que alguns arranjos familiares se tornaram mais comuns e expressivos. Dentre estas novas estruturas parentais, as famílias sem filhos e de relação homoafetivas, apesar de ainda serem pequenas em termos quantitativos, vem ganhando grande força, reforçando a importância de se estudar essa parcela da população, que faz parte crescente da sociedade brasileira e

mundial, contribuindo para a formação e modificação dos arranjos familiares que influenciam as demandas da sociedade.

Neste contexto, este trabalho procurou estimar o diferencial do nível agregado de bem-estar econômico entre casais brasileiros de diferentes orientações sexuais (heterossexual e homossexual), sem filhos e/ou parentes, empregando como parâmetro de comparação a renda total familiar. Utilizou-se como base de dados o Censo Demográfico do ano de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que, pela primeira vez, permitiu o registro de cônjuges do mesmo sexo.

Na análise da caracterização dos casais percebeu-se, logo de início, que há grandes diferenças na composição de cada um dos grupos, ressaltando-se as grandes divergências encontradas no que tange à situação do domicílio, idade e acúmulo de capital humano. Em relação à variável geográfica, os dados revelaram que os casais homoafetivos são arranjos familiares predominantemente metropolitanos, cuja concentração nesses centros urbanos ultrapassa os 70%. Com relação à idade, constatou-se que a média de idade dos indivíduos homossexuais é, aproximadamente, 12 anos menor que a média observada para os heterossexuais. Referente ao grau de instrução, ficou evidente a concentração das pessoas homossexuais nos maiores níveis escolares (Ensino Médio Completo e Ensino Superior Completo), ao passo que os indivíduos heterossexuais estão centralizados no menor nível educacional (Sem instrução ou Ensino Fundamental Incompleto).

A metodologia utilizada para inferir e comparar o nível de bem-estar entre os diferentes tipos de casais baseou-se na decomposição de Oaxaca. O modelo econométrico proposto supôs que a renda familiar seria determinada por dois grupos de rendimentos: o auferido no mercado de trabalho (salário) pelos cônjuges e o advindo de outras fontes. Estimando as equações pelo método dos Mínimos Quadrados Ordinários (MQO), foi possível decompor esta renda para analisar qual é o impacto de cada uma das partes sobre a diferença total no nível de bem estar.

Os resultados revelaram que os casais homoafetivos de ambos os gêneros apresentam níveis maiores de bem-estar econômico que os casais heterossexuais. De acordo com os dados, a diferença de renda familiar entre os casais homoafetivos masculinos e heterossexuais é, na média, de R\$ 4.180,82, devendo-se esse valor principalmente às diferenças de atributos pessoais e produtivos dos indivíduos que formam os dois tipos de casais. No caso da comparação entre os casais homoafetivos femininos e heterossexuais, os resultados demonstraram que a diferença entre esses dois arranjos familiares é de, em média, R\$ 503,83. É importante destacar que, com base nos resultados, não é possível inferir que o mercado de trabalho brasileiro discrimina os indivíduos homossexuais, principalmente devido ao fato do coeficiente (ou preço) desta característica, para ambos os gêneros, ter sido positivo.

Dada às consideráveis diferenças de composição dos grupos, foram realizados dois testes alternativos visando verificar se os resultados encontrados podem ser considerados robustos. Na busca desta comprovação empírica, o mecanismo adotado foi tentar transformar os diferentes tipos de casais sem filhos em grupos mais homogêneos e comparáveis. Utilizando a mesma decomposição aplicada no modelo principal, o primeiro teste limitou a análise somente aos indivíduos que residem em regiões metropolitanas, enquanto o segundo teste restringiu os indivíduos à faixa etária da *prime working-age* (25 a 54 anos).

Os testes alternativos de robustez para o diferencial do nível de bem-estar entre casais homoafetivos masculinos e heterossexuais corroboraram com os resultados encontrados na análise central, fornecendo subsídios que permitem inferir que é provável que os casais formados por dois homens, se comparado a casais de cônjuges de sexos distintos, apresentam níveis superiores de bem-estar econômico. Para o caso das mulheres homossexuais, apenas o teste que limitou a idade dos indivíduos ratificou os resultados obtidos no modelo principal, alertando que é preciso cautela na análise dos dados.

Entretanto, é preciso analisar os resultados encontrados, para ambos os casos, com prudência, principalmente devido à baixa quantidade de observações de casais homoafetivos, que representa, aproximadamente, 0,03% da amostra.

Para finalizar o trabalho, foi realizada uma breve análise dos padrões de seleção matrimonial e dos índices de desigualdade entre os grupos. Constatou-se que os casais heterossexuais possuem taxas elevadas de endogamia, fato que pode estar auxiliando a magnificar os efeitos da diferença de bem-estar econômico encontrada entre os grupos. Além disso, o fato a desigualdade de renda ser maior entre os homoafetivos faz-nos relativizar a conclusão de que, necessariamente, estes casais desfrutem de melhores condições de vida.

Espera-se que este trabalho tenha contribuído com a literatura nacional sobre os casais homoafetivos brasileiros, uma vez que os estudos sobre essa parcela da população ainda são restritos e limitados no país. Vale destacar, ainda, que a possibilidade de registro de cônjuges do mesmo sexo, aberta pelo Censo 2010, é um avanço no país, pois permitirá que essa minoria seja uma nova área de estudos para os pesquisadores brasileiros.

10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTECOL, H; JONG, A; STEINBERGER, M. D. **Sexual orientation wage gap: the role of occupational sorting and human capital.** *Industrial and Labor Relations Review*, v. 61, n. 4, art.5, jul. 2008.
- BADGETT, M. V. L. **The wage effects of sexual orientation discrimination.** *Industrial and Labor Relations Review*, v. 48, n. 4, p. 726-739, jul. 1995.
- BARROS, R. P; CORSEUIL, C. H; SANTOS, D. D; FIRPO, S. P. **Inserção no mercado de trabalho: diferenças por sexo e consequências sobre o bem-estar.** IPEA Textos para Discussão, n.796. Rio de Janeiro, jun. 2001.
- BARROS, R. P; MENDONÇA, R. S. P. **Os determinantes da desigualdade no Brasil.** IPEA Textos para Discussão, n.377. Rio de Janeiro, jul. 1995.
- BLACK, D. A.; MAKAR, H R.; SANDERS, S. G.; TAYLOR, L. J. **The Earnings Effects of Sexual Orientation.** *Industrial & Labor Relations Review*, v.56, n.3, p.449-469, 2003.
- CORRÊA, M. V; IRFFI, G; SULIANO, D. C. **Existe diferencial entre casais heterossexuais e homossexuais? Uma abordagem para o mercado de trabalho brasileiro.** 41º Encontro Nacional de Economia. Foz do Iguaçu, dez. 2013.
- CUSHING-DANIELS, B; YEUNG, T. Y. **Wage penalties and sexual orientation: an update using the general social survey.** *Contemporary Economic Policy*, v. 27, n. 2, abril 2009.
- DRYDAKIS, N. **Effect of Sexual Orientation on Job Satisfaction: Evidence from Greece.** Discussion paper n. 8045. Germany, march 2014.
- DRYDAKIS, N. **Sexual orientation discrimination in the labour market.** *Labour Economics* v. 16, p. 364–372, 2009.
- GARCIA, A; SOUZA, E. M. **Sexualidade e trabalho: estudo sobre a discriminação de homossexuais masculinos no setor bancário.** *Revista de Administração Pública*, v.44, n.6. Rio de Janeiro, nov/dez. 2010.
- GOLDANI, A. M. **Família, gênero e políticas: famílias brasileiras nos anos 90 e seus desafios como fator de proteção.** *Revista Brasileira de Estudos de População*, v.19, n.1, jan/jun. 2002.
- IRIGARAY, H. A. R.; FREITAS, M. E. **Sexualidade e organizações: estudo sobre lésbicas no ambiente de trabalho.** *Revista Organização e Sociedade*, v.18, n.59. Salvador, out/dez. 2011.
- KLAWITTER, M. M. **Meta-analysis of the effects of sexual orientation on earnings.** Evans Working Papers, 2011.

- LENA, F. F.; OLIVEIRA, A. M. H. C. **Padrões de seletividade relacionados aos casais homossexuais e heterossexuais no Brasil.** XVIII Encontro Nacional de estudos Populacionais. Águas de Lindóia, nov. 2012.
- OJIMA, R; CARVALHO, R. L. **Gênero, família e meio ambiente: limites e perspectivas para o campo dos estudos de população.** Seminário “Avanços e desafios no uso do conceito de gênero nos estudos populacionais”, Rio de Janeiro - RJ, 22 e 23 de outubro de 2009.
- RIOS, R. R. **O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre o preconceito e discriminação.** Políticas, teoria e atuação. Porto Alegre: Nuances, 2007.
- SABIA, J. J; WOODEN, M. **Sexual Identity, Earnings, and Labour Market Dynamics: New Evidence from Longitudinal Data in Australia.** The Institute for the Study of Labor (IZA) Discussion Paper Series n. 8935. Germany, march 2015.
- SULIANO, D; IRFFI, G.; VERAS, M. **Diferenciais salariais entre casais heterossexuais e homossexuais no mercado de trabalho cearense.** IPECE Textos para Discussão, n.105. Ceará, fev. 2014.
- VILLA, S. B. **Os formatos familiares contemporâneos: transformações demográficas.** Revista Eletrônica de Geografia, v.4, n.12, p.02-26, dez. 2012.

Apêndice

Apêndice A.1 – Padrões de seletividade matrimonial dos casais sem filhos, baseada na cor ou raça autodeclarada (%)

Grupo		Cônjuge Heterossexual					
<i>Orientação Sexual</i>		Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Total
Chefe Heterossexual	Branca	44,09	1,73	0,28	9,56	0,05	55,72
	Preta	2,09	3,21	0,09	2,11	0,01	7,51
	Amarela	0,34	0,07	0,59	0,28	-	1,29
	Parda	10,06	1,54	0,24	23,42	0,04	35,29
	Indígena	0,08	0,01	-	0,05	0,05	0,19
	Total	56,67	6,56	1,21	35,42	0,15	100
Grupo		Cônjuge Homossexual Masculino					
<i>Orientação Sexual</i>		Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Total
Chefe Homossexual Masculino	Branca	45,44	3,41	0,23	10,89	0,07	60,03
	Preta	2,91	3,29	0,13	1,46	-	7,78
	Amarela	0,22	0,09	0,37	0,40	-	1,08
	Parda	12,78	2,01	0,17	15,77	-	30,73
	Indígena	0,21	0,04	-	0,12	-	0,37
	Total	61,55	8,83	0,89	28,65	0,07	100
Grupo		Cônjuge Homossexual Feminino					
<i>Orientação Sexual</i>		Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Total
Chefe Homossexual Feminino	Branca	41,81	3,59	0,31	10,16	0,05	55,92
	Preta	2,36	2,85	0,05	3,58	-	8,84
	Amarela	0,20	0,32	0,21	0,77	0,09	1,61
	Parda	13,59	1,83	0,30	17,56	0,12	33,41
	Indígena	0,11	-	-	0,11	-	0,22
	Total	58,07	8,59	0,87	32,19	0,27	100

Fonte: Construída com base nas informações contidas no Censo Demográfico Brasileiro de 2010.

Apêndice A.2 – Padrões de seletividade matrimonial dos casais sem filhos, baseada na idade (%)

Grupo		Cônjuge Heterossexual						
<i>Orientação Sexual</i>		18 a 24	25 a 34	35 a 44	45 a 54	55 a 64	65 ou mais	Total
Chefe	18 a 24	3,84	2,21	0,26	0,05	0,01	0,01	6,38
	25 a 34	5,29	12,59	2,19	0,44	0,08	0,03	20,62
	35 a 44	0,76	4,10	4,83	2,06	0,41	0,09	12,24
	45 a 54	0,19	0,92	3,40	8,20	2,56	0,46	15,74
	55 a 64	0,04	0,22	0,90	5,71	10,29	2,36	19,53
	65 ou mais	0,01	0,08	0,29	1,22	6,00	14,77	22,38
Total		10,14	20,11	11,88	17,70	19,36	17,70	96,89

Grupo		Cônjuge Homossexual Masculino						
<i>Orientação Sexual</i>		18 a 24	25 a 34	35 a 44	45 a 54	55 a 64	65 ou mais	Total
Chefe	18 a 24	7,27	4,84	1,12	0,23	0	0	13,46
	25 a 34	10,16	19,59	6,01	1,66	0	0	37,43
Homossexual Masculino	35 a 44	1,54	10,18	9,15	4,47	0,58	0	26,14
	45 a 54	0,28	2,52	6,15	5,81	1,02	0,09	15,87
	55 a 64	0,13	0	0,91	1,56	0,57	0,3	3,19
	65 ou mais	0	0	0	0	0,09	0,15	0,24
Total		19,38	37,13	23,34	13,74	2,48	0,27	96,34

Grupo		Cônjuge Homossexual Feminino						
<i>Orientação Sexual</i>		18 a 24	25 a 34	35 a 44	45 a 54	55 a 64	65 ou mais	Total
Chefe	18 a 24	4,08	3,82	1,05	0,38	0,02	0	9,36
	25 a 34	7,24	19,41	6,58	1,15	0,36	0,14	34,89
Homossexual Feminino	35 a 44	3,52	11,77	9,64	3,31	0,83	0,44	29,51
	45 a 54	0,92	5,22	7,33	3,85	0,78	0,08	18,17
	55 a 64	0,09	1,06	1,14	1,01	0,84	0,39	4,53
	65 ou mais	0	0,04	0,37	0,26	0,29	0,35	1,31
Total		15,86	41,32	26,11	9,96	3,12	1,39	97,78

Fonte: Construída com base nas informações contidas no Censo Demográfico Brasileiro de 2010.

Apêndice A.3 - Padrões de seletividade matrimonial dos casais sem filhos, baseada no grau de instrução (%)

Grupo		Cônjuge Heterossexual				
<i>Orientação Sexual</i>		Categ. 1	Categ. 2	Categ. 3	Categ. 4	Total
Chefe	Categ. 1	38,87	4,67	4,07	0,76	48,43
	Categ. 2	4,23	5,47	3,53	0,76	14,02
	Categ. 3	3,37	3,36	14,11	3,46	24,35
	Categ. 4	0,64	0,80	3,90	7,63	12,99
Total		47,17	14,31	25,65	12,63	100

Grupo		Cônjuge Homossexual Masculino				
<i>Orientação Sexual</i>		Categ. 1	Categ. 2	Categ. 3	Categ. 4	Total
Chefe	Categ. 1	7,59	2,08	1,75	0,55	12,02
	Categ. 2	2,48	4,14	3,18	0,61	10,42
	Categ. 3	3,66	4,30	24,93	7,21	40,32
	Categ. 4	0,58	1,82	11,79	22,79	36,98
Total		14,32	12,35	41,65	31,28	100

Grupo		Cônjuge Homossexual Feminino				
<i>Orientação Sexual</i>		Categ. 1	Categ. 2	Categ. 3	Categ. 4	Total
Chefe	Categ. 1	8,86	3,09	3,43	0,48	16,00
	Categ. 2	3,09	6,26	4,86	1,21	15,42
	Categ. 3	3,59	5,05	25,26	6,88	40,91
	Categ. 4	0,69	1,07	9,40	15,80	27,05
Total		16,27	15,63	42,95	24,41	100

Fonte: Construída com base nas informações contidas no Censo Demográfico Brasileiro de 2010.

Categoria 1 - Sem Instrução e Ensino Fundamental incompleto

Categoria 2 - Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto

Categoria 3 - Ensino Médio completo e Ensino Superior incompleto

Categoria 4 - Ensino Superior completo